

GUIA EM PDF · MATERIAL GRATUITO

Manual de termos para jornalistas

Guia prático de termos para jornalistas cobrirem Israel e o antissemitismo: Hamas, números de vítimas, sionismo, IHRA, hasbara e erros comuns.

Juventude Judaica Organizada
jjo.org.br · Para jornalistas · Adultos

Foto da capa: Menachem Begin no Muro das Lamentações após cerimônia pelas vítimas do Holocausto. Nino Herman · CC BY-SA 3.0 · Wikimedia Commons

PARA	IDADE	EXTENSÃO
Jornalistas	Adultos	8 páginas
TEMA	**FORMATO**	**VERSÃO**
Imprensa	Guia em PDF	em revisão · out/2026

> Para cobrir Israel e o antissemitismo com precisão, separe três coisas: fato verificável, alegação de uma parte e disputa interpretativa. Os números de vítimas devem ser atribuídos a quem os contou, como o Ministério da Saúde de Gaza, controlado pelo Hamas. O Hamas deve ser identificado como grupo classificado como terrorista por Israel, Estados Unidos e União Europeia. Use a definição de antissemitismo da IHRA e não confunda judeus, israelenses e governo de Israel.

Como um jornalista deve falar sobre Israel e o antissemitismo?

O princípio central de uma cobertura precisa é que o jornalista separe o que foi observado, quem afirma, o que foi verificado e o que ainda está em disputa.

Na prática, cada informação precisa ser classificada antes de ir para o texto:

- **Fato verificável:** algo documentado e confirmado, como a classificação oficial do Hamas como organização terrorista por Israel, Estados Unidos e União Europeia.
- **Alegação de uma parte:** algo afirmado por um ator do conflito e ainda não verificado de forma independente, como números divulgados por uma das partes.
- **Disputa interpretativa:** termos e enquadramentos que exigem atribuição, como “genocídio”, “apartheid” ou “limpeza étnica”.

Equilíbrio jornalístico **não significa simetria artificial**: um fato comprovado e uma alegação não verificada não recebem o mesmo peso.

Erros comuns que vale evitar:

- Confundir judeus, israelenses, sionistas e governo de Israel, que são categorias diferentes.
- Tratar “Israel” como agente único, sem diferenciar governo, Forças de Defesa de Israel (FDI), tribunais, partidos e sociedade civil.
- Reproduzir números sem atribuição.
- Omitir que uma fonte é parte direta do conflito.
- Publicar imagens, mapas ou legendas sem local e data precisos.
- Corrigir em silêncio um erro relevante.

Como corrigir bem: identifique o texto original, explique o erro, apresente a informação certa, informe a data da correção e mantenha o aviso visível. Título, legenda e redes sociais também precisam ser atualizados. Quando o erro muda o sentido (por exemplo, ao atribuir a Israel uma declaração feita pelo Hamas), a correção precisa aparecer em destaque.

Como se referir ao Hamas e quem o classifica como terrorista?

O Hamas é um grupo classificado como organização terrorista por Israel, pelos Estados Unidos e pela União Europeia, classificação registrada em uma notícia da Assembleia Legislativa de São Paulo.

Cada jurisdição decide sobre essa classificação, e os efeitos jurídicos variam de uma para outra. Quem pergunta por que o Brasil não trata o Hamas como terrorista está, no fundo, perguntando sobre uma decisão de Estado. A posição de cada governo deve ser informada com precisão, sem apagar os fatos sobre o grupo.

Para escrever com clareza, ajuda pensar em três níveis:

- **Fato institucional:** Israel, Estados Unidos e União Europeia classificam o Hamas como organização terrorista.
- **Fato descritivo:** o Hamas atacou civis no ataque de 7 de outubro, lançou foguetes e manteve reféns. Cada episódio deve ser apoiado por fonte identificada.
- **Termos de propaganda ou acusação:** palavras como "resistência" exigem atribuição. Fontes palestinas e regionais usam o termo árabe *muqawama* ("resistência") para grupos armados e chamam as FDI de "forças de ocupação", escolhas de vocabulário de uma parte que não servem como descrição neutra.

O Yad Vashem, centro mundial de memória do Holocausto, descreve o Hamas como movimento terrorista, antissemita e genocida.

Manuais de grandes veículos, como os da BBC e da AP, pedem que a palavra "terrorista" seja atribuída a declarações oficiais, por exemplo: "o grupo classificado por Israel e pelos EUA como terrorista". Atribuir está certo quando informa o leitor. O problema aparece quando a classificação oficial é trocada por eufemismos que diluem a responsabilidade do grupo por ataques contra civis.

Fórmula útil: "O Hamas, classificado como organização terrorista por Israel, Estados Unidos e União Europeia, afirmou X; Israel declarou Y; a investigação Z verificou (ou não verificou)…"

Como reportar números de mortos e feridos em uma guerra?

Números de vítimas devem sempre ser atribuídos a quem os contou, e uma contagem atribuída não pode virar fato independente ao longo do texto.

Em guerra, os números estão especialmente sujeitos a erro, duplicação e propaganda. Antes de publicar, responda:

- Quem contou e quando?
- O que foi contado?
- O número inclui combatentes?
- Há desaparecidos ou mortes presumidas?
- A fonte tem acesso direto aos registros?
- Houve auditoria independente?

Use	Evite
“Segundo o Ministério da Saúde de Gaza, controlado pelo Hamas, …”	“Morreram X pessoas”, quando a única base é uma parte do conflito
“Segundo as Forças de Defesa de Israel, …”	Misturar civis e combatentes sem avisar
“A ONU reproduziu o número informado por …”	Dizer “confirmado” quando a fonte só publicou uma estimativa
“A cifra não pôde ser verificada de forma independente.”	Comparar números de períodos diferentes
“O número foi revisado após a identificação de duplicidades.”	Apresentar uma cifra antiga como atual

Atribuir não equivale a dizer que a informação é falsa. A atribuição mostra ao leitor **o grau e a origem da evidência**.

Escudos humanos: o Estatuto de Roma do Tribunal Penal Internacional proíbe usar a presença de civis para proteger alvos militares. O Hamas usa a população e a infraestrutura civil de zonas urbanas como escudo, o que as FDI apontam como causa de baixas civis. Quando o tema são mortes em Gaza, esse contexto precisa estar no texto.

O que é antissemitismo e como usar a definição da IHRA?

Antissemitismo é hostilidade, preconceito ou discriminação contra judeus por serem judeus. O Yad Vashem documenta suas formas religiosa, política e racial e também liga ao antissemitismo a negação do Holocausto e as teorias conspiratórias.

Origem do termo: a palavra foi criada em 1879 pelo agitador alemão Wilhelm Marr, no panfleto *A Vitória do Judaísmo sobre o Germanismo*. Marr a usava como autodefinição positiva, para dar verniz pseudocientífico e racial ao ódio antijudaico tradicional.

A definição da IHRA (2016): adotada pela International Holocaust Remembrance Alliance em plenária de seus países membros, é a definição de trabalho mais usada por governos, universidades e órgãos internacionais. O texto diz: *“O antissemitismo é uma determinada percepção dos judeus, que se pode exprimir como ódio em relação aos judeus.”*

A definição traz 11 exemplos, sete dos quais tratam de Israel. Entre eles:

- negar ao povo judeu o direito à autodeterminação;
- exigir de Israel um comportamento não esperado de nenhuma outra nação democrática;
- comparar a política israelense à dos nazistas;
- responsabilizar coletivamente os judeus pelas ações do Estado de Israel;
- negar ou distorcer o Holocausto.

A JJO adota a definição da IHRA e, por esse critério, **negar o direito de Israel existir é antissemitismo**.

A crítica de "uso como arma": alguns juristas e acadêmicos, entre eles Kenneth Stern, redator do texto inicial, alegam que os exemplos podem ser usados para silenciar críticas ao governo israelense. A própria definição responde a isso ao afirmar que críticas a Israel semelhantes às feitas a qualquer outro país não são, por si só, antissemitas. Cabe à boa reportagem explicar **qual elemento concreto** caracteriza o preconceito, em vez de só rotular o autor.

Outros conceitos úteis:

- **Antissemitismo clássico:** mitos religiosos e raciais, como o libelo de sangue (surgido em Norwich, em 1144, e popularizado pelo caso de Simão de Trento, em 1475), a acusação de deicídio e o envenenamento de poços.
- **Antissemitismo secundário:** hostilidade aos judeus motivada *pelo* Holocausto, com inversão de culpa ou banalização do extermínio.
- **Antissemitismo relacionado a Israel:** uso do Estado de Israel para projetar caricaturas antigas, como ganância, demonização ou sede de sangue.

Qual a diferença entre sionismo, antissionismo e antissemitismo?

Sionismo é o movimento político e nacional judaico que defende a autodeterminação do povo judeu. Surgiu na Europa no fim do século XIX e está ligado à criação e à existência do Estado de Israel.

Há várias correntes dentro do sionismo (religiosas, socialistas, revisionistas, liberais e outras), e defendê-lo não equivale a apoiar cada política de cada governo israelense.

Pelo critério da IHRA adotado pela JJO, o antissionismo que nega o direito de Israel existir é antissemitismo. O Yad Vashem identifica como antissemitas três práticas: negar aos judeus o direito à autodeterminação, transformar judeus em alvo coletivo e usar teorias conspiratórias antijudaicas.

Perguntas para analisar um discurso:

- A crítica mira **políticas concretas** ou judeus como grupo?
- Israel é submetido a um padrão que não se aplica a outros Estados?
- Aparecem símbolos, acusações ou estereótipos antijudaicos clássicos?
- O texto nega de forma seletiva a autodeterminação judaica?
- O autor culpa judeus no Brasil ou em outros países por atos do governo israelense?

Atenção aos códigos: nas redes, o discurso de ódio recorre a *dog-whistles*, os "apitos de cachorro", códigos velados para escapar da moderação automática. Um exemplo é trocar "judeu" por "sionista" ou "globalista" em contextos conspiratórios; outro é a caricatura conhecida como *Happy Merchant*. Quando "sionista" aparece no lugar de "judeu" numa teoria de conspiração, o conteúdo é antissemita.

Quais palavras israelenses e hebraicas aparecem na cobertura?

Algumas palavras israelenses e hebraicas aparecem com frequência no noticiário, e conhecer o sentido exato de cada uma evita erros.

- **Judeia e Samaria:** denominação oficial israelense para a área entre Israel e a Jordânia, com nomes de raiz histórica judaica. O status da área é objeto de disputa jurídica e política, e o texto deve tratá-la como território em disputa.
- **Hasbara (הסברה):** vem do verbo hebraico que significa "explicar" ou "esclarecer" e designa o esforço de comunicação do Estado de Israel para apresentar suas posições ao público internacional. As raízes remontam a 1897, quando Theodor Herzl fundou o jornal *Die Welt* no contexto do Primeiro Congresso Sionista. O termo foi popularizado no início do século XX pelo jornalista sionista Nahum Sokolow.
- **Diplomacia pública:** como formuladores israelenses passaram a ver *hasbara* como termo defensivo demais, a linguagem oficial migrou para "diplomacia pública". As estimativas sobre a institucionalização divergem: um registro aponta o período após a guerra do Líbano de 1982, e outro aponta 2006, após a Segunda Guerra do Líbano, com a criação da Diretoria Nacional de Diplomacia Pública no Gabinete do Primeiro-Ministro.
- **Hasbara 2.0:** nome acadêmico para a adaptação dessa comunicação às redes sociais.
- **Toda'a (תודעה):** termo das doutrinas militares e de inteligência israelenses para o campo da consciência e da percepção pública.
- **Censura militar:** órgão oficial das FDI que revisa previamente matérias com informações operacionais ou de inteligência sensíveis, inclusive de correspondentes estrangeiros.

Quais termos do debate exigem cuidado e atribuição?

Termos de acusação não são descrição neutra. Devem sempre ser atribuídos a quem os usa, acompanhados da resposta de Israel quando houver.

- **"Genocídio", "limpeza étnica", "crime de guerra":** exigem atribuição a uma autoridade, investigação ou especialista identificado e não podem ser usados como se fossem fato estabelecido.
- **"Apartheid":** acusação comum em campanhas do BDS e em relatórios de ONGs. Autoridades de Israel rejeitam a analogia e afirmam que ela busca minar a segurança e a imagem internacional do país.
- **BDS:** movimento criado em 8 de julho de 2005 por uma coalizão de 170 organizações da sociedade civil palestina que, inspirado na campanha contra a África do Sul, prega boicote, desinvestimento e sanções contra Israel.
- **Delegitimação:** esforços que questionam o caráter judaico ou a própria existência legal de Israel. Em novembro de 2009, no Fórum Saban, o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu apontou a delegitimação como uma das três maiores ameaças estratégicas a Israel, ao lado do programa nuclear do Irã e do arsenal de mísseis da região.
- **Lawfare (guerra jurídica):** uso de tribunais internacionais, como a Corte Internacional de Justiça e o Tribunal Penal Internacional, por atores políticos e ONGs para atacar ações de Israel. Na reportagem, diga o que cada decisão é e o que ela não é.
- **Desinformação coordenada:** termos como CIB (comportamento inautêntico coordenado), *astroturfing* e FIMI (manipulação e interferência estrangeira, padrão definido pela União Europeia) descrevem campanhas com contas falsas e redes organizadas. A operação de origem russa chamada *Doppelganger* chegou a clonar veículos como *Walla*, *Le Monde* e *Der Spiegel* para publicar matérias falsas, inclusive em Israel.

O que levar deste manual para a redação?

Para o dia a dia de quem cobre Israel e o antissemitismo, o manual se resume nos pontos abaixo.

Para levar:

- Separe fato verificável, alegação de uma parte e disputa interpretativa.
- Atribua todo número de vítimas: "segundo o Ministério da Saúde de Gaza, controlado pelo Hamas" ou "segundo as FDI".
- Identifique o Hamas pelo que é: grupo classificado como terrorista por Israel, Estados Unidos e União Europeia, responsável por ataques contra civis e sequestros.
- Use a definição da IHRA para reconhecer antissemitismo, inclusive quando ele aparece disfarçado de crítica a Israel.
- Não confunda judeus, israelenses, sionistas e governo de Israel, nem culpe judeus brasileiros por atos de qualquer governo.
- Atribua acusações como "apartheid" e "genocídio" a quem as faz e apresente a resposta de Israel.
- Corrija erros de forma visível e datada, sem alterações silenciosas.

Perguntas frequentes

Como um jornalista deve falar sobre Israel?
Com precisão e atribuição. O jornalista separa fato verificável, alegação de uma parte e disputa interpretativa, atribui números a quem os contou, identifica o Hamas como grupo classificado como terrorista por Israel, EUA e União Europeia e não confunde judeus, israelenses e governo de Israel. Acusações como "genocídio" ou "apartheid" aparecem atribuídas a quem as faz, junto com a resposta israelense.

Por que o Brasil não considera o Hamas terrorista?
Cada jurisdição decide se classifica um grupo como terrorista, e essa decisão tem efeitos jurídicos próprios. Israel, Estados Unidos e União Europeia classificam o Hamas como organização terrorista, como registra a Assembleia Legislativa de São Paulo. A posição de cada governo deve ser informada com precisão, sem diluir a responsabilidade do Hamas por ataques contra civis e sequestros.

Quais são algumas palavras israelenses usadas no noticiário?
Entre as mais comuns estão "Judeia e Samaria", nome oficial israelense da área entre Israel e a Jordânia; "hasbara", que significa "explicação" e designa a comunicação oficial de Israel; e "toda'a", termo militar para o campo da percepção pública. Também aparecem "diplomacia pública" e "censura militar", órgão das FDI que revisa informações sensíveis antes da publicação.

Criticar Israel é antissemitismo?

Não necessariamente. Pela definição da IHRA, críticas a Israel semelhantes às feitas a qualquer outro país não são, por si só, antissemitas. A crítica se torna antissemitismo quando nega o direito de Israel existir, aplica a Israel um padrão não exigido de outras nações, compara Israel aos nazistas ou culpa coletivamente os judeus pelas ações do Estado.

Fontes

1. Yad Vashem – Perguntas frequentes sobre Holocausto e antissemitismo — https://www.yadvashem.org/holocaust/holocaust-antisemitism/faqs.html
2. Yad Vashem – Léxico: antissemitismo (hebraico) — https://www.yadvashem.org/he/holocaust/resource-center/lexicon/alef/antisemitism.html
3. Yad Vashem e OSCE/ODIHR – Diretrizes educacionais sobre antissemitismo — https://www.yadvashem.org/yv/pdf-drupal/en/education/osce_odihr/antisemitism_guidelines/english.pdf
4. Yad Vashem – Racismo e antissemitismo (material de pesquisa) — https://www.yadvashem.org/he/education/educational-materials/research-papers/racism-and-antisemitism.html
5. Yad Vashem – Combatendo o antissemitismo online — https://www.yadvashem.org/blog/combating-online-antisemitism-in-the-digital-universe.html
6. Yad Vashem – O aspecto mais radical do antissemitismo — https://www.yadvashem.org/es/blog/the-most-radical-aspect-of-antisemitism.html
7. Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo – Notícia sobre o Hamas — https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=500047

Material da Juventude Judaica Organizada (JJO), em revisão. Pode ser copiado e usado em sala, em grupos e em casa, citando a fonte. Correções: jjo.org.br/quem-somos/#correcoes